

RETRATO LITERÁRIO NA AMAZÔNIA ORIENTAL

Francisca Érica dos Santos Souza (UEMASUL)

RESUMO

Esta pesquisa vem para dar visibilidade à literatura dos poetas e poetisas das causas populares. Essas pessoas se destacam pela vida inteira dedicada aos movimentos populares, por sua expressão poética onde descrevem sua vida e à vida de trabalhadores e trabalhadoras que vivem às margens da sociedade, manchada pela desigualdade social. O estudo pretende-se, a partir de pesquisa bibliográfica, analisar de forma complementar, as poesias “Porque Estão Calados?” de Charles Trocate e “Concentração de Direitos” Diva Lopes. Como metodologia foi feito um apanhado para verificar produções a respeito do tema e assunto, mostrando que nos movimentos populares por meio do poema é a descrição (movida por emoções em tons de revolta) da realidade. Dessa forma, objetivasse verificar o poético nas causas populares, evidenciando por que se faz necessária uma poesia engajada, voltada para a resistência de uma população menos favorecida. Mas que acredita na possibilidade de construir uma sociedade igualitária para todos (as). A poesia surge como um dever de expor ideologias voltadas a tais conflitos, deixando de lado uma poesia de estilo capitalista e burguês, a literatura ganha uma nova roupagem com caráter de revolta que vai em busca da sua essência perdida, focando a realidade. E com o passar do tempo nasce uma poesia de cultura à resistência que desempenha um papel de resposta aos sinais de modernização. A poesia traz consigo uma força de oposição ao embate aos grandes projetos que não beneficia os povos tradicionais da Amazônia, mas que levam suas riquezas naturais e o povo segue resistindo para não levarem sua cultura e identidade.

Palavras-chaves: Literatura engajada. Linguagem poética. Resistência.

INTRODUÇÃO

A poesia é a forma de expressão literária que nasceu simultaneamente com a Música, Dança e o Teatro, em época que remonta à Antiguidade histórica. Na Grécia antiga, alguns poetas declamavam seus versos junto com a música, o que permitiu a poesia se reconstruir ao longo dos anos e se renovar a partir de adaptações para o mundo atual. Os poetas buscavam se recriar por meio da realidade, que se faz presente deixando seus versos mais livres.

A forma da composição em prosa já perpassava como algo comum em escrituras de ampla e magnífica coordenação, obtendo pouco sucesso ao tentar passar a emoção e a abrangência dos anseios, dos mais profundos aos mais rasos.

Esta pesquisa vem para dar visibilidade à literatura dos poetas e poetisas das causas populares. Essas pessoas se destacam pela vida inteira dedicando-se aos movimentos populares, por sua expressão poética onde descrevem sua vida e à vida de trabalhadores e trabalhadoras que vivem às margens da sociedade, manchada pela desigualdade social.

O ser poético traduz à sua realidade através dos sentimentos que deixa fluir e envolver o cotidiano, transcende situações, armazena fatos e conhecimentos distintos. No caso das poesias “Concentração de Direitos” de Diva Lopes e “Porque Estão Calados?” de Charles Trocate, que serão analisadas no presente trabalho, não há interligação entre elas no que diz respeito à escrita, pois uma é de leitura mais densa e a outra uma leitura mais leve. As poesias se completam por ter um mesmo objetivo: a luta pela construção de um mundo novo, plantar ideias coletivamente que levam a ações transformadoras com o propósito de viver e sair da mercê de uma sociedade individualista em que os direitos são concentrados para poucos.

O interesse pelo tema é decorrente a minha aproximação com movimentos populares, entre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST e Movimento pela Soberania Popular na Mineração - MAM. A luta do povo camponês é retratada em forma de poesia por Charles Trocate e Divina Lopes. Suas poesias não são “famosas”, porém são destaques nas místicas feitas em encontros do MST, MAM e outros movimentos populares, até mesmo nas escolas do campo, podendo apresentar descrições ideológicas de conflitos que os próprios camponeses lidam com os latifundiários.

E nesse sentido que a pesquisa realizou uma análise complementar das duas poesias “Porque Estão Calados?” e “Concentração de Direitos” mostrando que nos movimentos populares o poema é a descrição (movida por emoções em tons de revolta) da realidade, ou como diria Paulo Freire “da leitura de mundo, da mística, da coragem, da resistência”.

A análise das poesias alude ao descobrir poético dos conflitos vividos por pessoas que buscam vidas melhores e não querem ver seus direitos negados. Os principais livros utilizados nesta pesquisa é “Um Instante de Transgressão” de Diva Lopes e “Bernardo Meus Poemas de Combate”, de Charles Trocate. Os dois poemas trazem consigo uma literatura em que o povo grita seus direitos e sonha com uma sociedade mais justa. Além desses livros, as poesias que serão analisadas na presente pesquisa irão contribuir para o desenvolvimento do trabalho. “O ser e o Tempo da Poesia” de Alfredo Bosi que enfoca a Literatura e a cultura que transcende para todas as outras naturezas da arte e procedimentos da cultura humana.

No caso das poesias “Concentração de Direitos” e “Porque Estão Calados?” percebe-se a poesia mais do que uma arte. A linguagem poética é voltada para questões sociais relatando circunstâncias que registra realidades e experiências distintas com criticidade e alfabetismo social. O que proporciona conhecimento do cenário político e dinamismo social.

Por isso, os poetas das causas populares buscam um olhar diferenciado para seus versos, que se constroem enquanto poeta junto com povo e demonstram essa expressividade popular nas suas produções, levando em conta que é preciso se renovar enquanto escritor. Proporciona ao leitor refletir sobre os momentos históricos do país e dos sujeitos inseridos, assim, procuram sempre dialogar com o povo mesmo que não convivam diariamente no mesmo ambiente, mas no momento presente na realidade de determinada população. Esses poetas engajados descrevem e mostram caminhos para buscar transformações nas realidades dessas pessoas através de suas produções literárias. Dessa forma o leitor engaja-se profundamente de descobrir e desvendar a linguagem do mundo, interpretando a sociedade.

O FAZER LITERÁRIO

As primeiras manifestações da arte literária surgem nos três primeiros séculos do Brasil colônia, com a primeira geração do romantismo, nesse momento a literatura obedece às regras impostas por Portugal. Essa literatura brasileira começa a sair dos traços portugueses, ganham certa singularidade, surgindo manifestações literárias com aspecto nacionalista que exprimia seu diferencial.

O romantismo foi período em que os poetas tiveram mais maturidade, focando nos aspectos românticos e sociais, inseridos nos versos. Os romancistas traziam em suas obras anseios, pois expressavam os sentimentos e histórias, angústias e desejos reais e significativos para a literatura brasileira.

A autonomia da literatura brasileira foi criando um caráter próprio na segunda e terceira geração do romantismo, a partir do século XVIII, mas foi no século XIX que os poetas e suas obras literárias tiveram característica nacionalista, havia limitações e poucos leitores que apreciava essa literatura escassa. Com o passar dos anos, já no século XX, as produções literárias percorrem outros rumos, os escritores se reinventaram nas normalidades para evolução das produções, com o tempo resultou-se em uma literatura mais moderna. Segundo Candido (2002), “assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa da reivindicação de autonomia espiritual”.

A terceira geração do romantismo tinha um caráter libertário trazendo reflexões sobre o momento histórico, ainda vertigens do Brasil colônia. Um dos principais poetas dessa geração foi Antônio Frederico de Castro Alves, suas poesias eram inovadoras que desafiava a realidade da época. Trazendo em seus versos questionamento sobre a escravatura, lutas de classes, soberania popular e o modelo do sistema que não favorecia os mais pobres.

Portanto, o Romantismo brasileiro foi inicialmente (e continuou sendo em parte até o fim), sobretudo nacionalismo. E nacionalismo foi antes de mais nada escrever sobre coisas locais. Daí a importância da narrativa ficcional em prosa, maneira mais acessível e atual de apresentar a realidade, oferecendo ao leitor maior dose de verossimilhança e, com isso, aproximando o texto da sua experiência pessoal, (CANDIDO, 2002, p 40).

A transição da segunda para terceira fase do romantismo brasileiro tinha como principais fatores as escritas da terceira geração do romantismo, mostrando a atual realidade da sociedade em suas obras, abordando o sujeito sobre os acontecimentos locais e nacionais. Os poetas direcionavam seus versos também para natureza dos autores desse período, como Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, destacavam em suas poesias exaltação à natureza, o amor a sua nacionalidade, isso era o

grande diferencial desses poetas que estavam chegando e ganhando seus espaços enquanto escritores. Tentavam recriar um modelo de linguagem nos seus escritos para que o próprio leitor se encontrasse nas entrelinhas de seus versos.

Outras dimensões da literatura foram tomadas com a chegada do Modernismo, quando alguns artistas da corte brasileira de São Paulo foram para Europa estudar e buscar novos rumos para arte e assim se renovar enquanto artista.

Esse período ficou conhecido como um momento de rupturas na arte cultural no Brasil. Um período que também movimentou a política e economia do país, contrapondo uma grande parcela da sociedade, onde seus partidos políticos não tinham interesse às novas tendências atribuídas pelo movimento modernista, valorizando ainda as tendências artísticas do passado.

Em 1922 com a realização da Semana da Arte Moderna, momento em que vários artistas viajaram à Europa trazendo um novo modelo de manifestações artísticas, tinham como objetivo focar a semana para impressionar a grande burguesia de São Paulo. A pintora Tarcília do Amaral e seu companheiro o poeta Oswald de Andrade, entre outros, organizaram o evento para mostrar uma roupagem nova para a arte literária no Brasil. Com esses acontecimentos da semana da arte moderna a literatura também se renovou, os poetas ficaram mais livres para expor seus modelos de escrita, desconstruindo algumas condutas da sociedade, assim não só a literatura como as outras formas de expressão usando a arte para desconstruir e fazendo o sujeito refletir sobre o país que estava vivendo naqueles tempos.

Apesar das falhas que tiveram na própria organização do evento, pelo fato de alguns artistas faltarem e a maior parte do público não compactuar com esse novo modelo de arte, o momento ficou conhecido como “fase heroica” devido à ousadia que os seus organizadores dirigiram ao movimento. Mas mesmo com alguns deslizos, os artistas continuaram nas divulgações desse novo modelo de fazer arte, com o objetivo de solidificar a imagem de uma transformação cultural.

Apesar das influências, vinda da Europa, no geral, o que os escritores buscavam eram dar uma roupagem nacional para arte brasileira, tirando essa imagem europeia. Assim, não precisariam ir atrás de ideias vinda de fora. Nesse período a poesia ganhou um ar mais popular, seus versos ficaram mais livres, destacando a ironia que se tornou mais frequentes.

Os poetas revolucionaram as escrituras rompendo com o tradicionalismo, esse primeiro momento foi considerado a fase mais ousada do Modernismo brasileiro. Mário de Andrade destacou que os mobilizadores dessa fase tinham o “espírito destruidor” que se espalhou nacionalmente.

Na segunda fase do modernismo em 1930 e a terceira em 1945 foi o período que teve um caráter mais construtivo e de transformação. Foi nesse momento que as produções literárias tinham como principal foco a sociedade que ainda sofriam traumas da Segunda Guerra Mundial. O período ficou marcado pela chegada da Revolução Industrial, paralelo com o avanço da ciência.

Em 1934 com Getúlio Vargas na presidência, o Brasil estava passando pelo que se propagou uma nova instituição. A sociedade observava “A Banda Passar” com a ditadura militar. Com a ajuda da burguesia da época e as grandes indústrias, Vargas se manteve no poder como ditador até o final da Segunda Guerra Mundial.

O período da ditadura Vargas foram momentos de repressões para quem tentasse utilizar à arte, os meios de comunicação ou qualquer outra “liberdade de expressão” que iria contra o regime militar. Vários artistas foram se exilar em outros países para não serem presos ou torturados. O momento era de censurar os intelectuais que atrevessem a denunciar a situação que o país estava vivendo.

Na ditadura, a literatura ganhou uma nova cara. As produções literárias apresentaram um estilo de ordem política, social e religiosa. As produções eram mais elaboradas tanto nas poesias e em outros gêneros textuais devido à maturidade da literatura nesse momento. É nesse contexto que a Literatura vereda seu próprio caminho com o nascimento do romance arrebatador e a irrealidade de revelação desses tempos nebulosos em que aconteceu o exílio de muitos intelectuais (artistas).

Compreende-se o Movimento Modernista como um avanço para um novo modelo de se fazer literatura, os fatos históricos revolucionavam o momento, assim o fazer literário caminhava junto com essas transformações. Os artistas não ficaram presos ao comodismo do passado, sempre se permitindo a buscar inovações sem se prender, quebrando tabus que antes os aprisionavam.

Literatura: uma reprodução da realidade

Para entender à literatura, como forma de analisar realidades, se faz necessário compreender o momento que determinado texto se constituiu, entendendo para qual necessidade foi escrito e de que forma será utilizado como instrumento de transformação social.

Segundo Massaud Moisés “não é de hoje que filósofos, estetas, críticos e historiadores vêm procurando conceituar a Literatura dum modo convincente e conclusivo” (2011, p. 24). Quando se fala em literatura, tentamos não defini-la, mas capturá-la e transfigurá-la, assim o leitor acaba projetando a leitura para sua própria realidade. É preciso pensar a forma que se configura para cada leitor, entendendo que o universo de um texto não é real até o momento em que, no decorrer da reflexão da leitura o mesmo ver semelhanças a do mundo físico, Massaud destaca que:

Foi preciso que a Psicologia e a Filosofia da Linguagem ou Semiologia se interessassem pelo assunto para que a discursão ganhasse pertinência. Tomemos à guisa de amostra, o conceito proposto por Thomas Clark Pollock: “Literatura pode ser definida como o enunciado de uma experiência controlada”, ou, de modo mais explícito, consiste na “expressão de uma experiência do escritor através do enunciado de uma série de símbolos capazes de evocar na mente do leitor adequadamente qualificado uma experiência controlada, análoga, embora não idêntica, à do escritor.” Tal conceito, que ainda não escapa de conceder primazia a uma qualidade da Literatura (a transmissão de uma experiência), implícita a ideia de conhecimento, a de que a arte literária constitui um tipo de conhecimento, diferente dos demais pelo signo empregado (MASSAUD, 2011, p. 28).

A literatura quando é estudada numa percepção histórica, percebe-se o quanto a linguagem literária é carregada de subjetividade, permitindo “enxergar” à realidade que se refere. Trazendo experiências de vida atreladas ao conhecimento, capazes de enquadrar o leitor no determinado assunto exposto.

A produção literária no modernismo e pós-modernismo ganha um caráter voltado para as questões sociais. A poesia vem com um aspecto de versos livres onde os poetas e poetisas deixam visível uma literatura mais engajada. Carlos Drummond de Andrade é um dos poetas contemporâneo que dar destaque as questões políticas, econômicas, culturais e socioambientais. Segundo Sartre (1993, p. 20) “o escritor engajado sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar [...] Não se pode desvendar senão tencionando mudar”.

O desvendar que Sartre apresenta tenta transformar uma realidade, manchada pelo capital buscando uma autonomia neutra acima de qualquer outro interesse voltado para as grandes classes. Assim, a classe menos favorecida vai ser capaz de se reconhecer nessas poesias por saberem que de

alguma forma suas vozes serão ouvidas, devido esses poemas serem reflexão de uma sociedade que resisti para que suas ideologias não sejam reprimidas ou extintas. Bosi (2000) afirma que:

No entanto, a poesia tem mudado de face através de séculos e séculos de civilização. As condições em que vivem os povos ou os grupos de uma sociedade não são constantes. O trabalho do Homem foi gerando uma consciência do seu lugar entre os seres da Natureza e os seus semelhantes. A realidade originária, pré-categorial, que era apreendida como um todo vivo pelos mitos, pelos ritos e pelos cantos primitivos, começa a ser repartida, classificada e, com isso, conotada pelos *valores* dominantes em cada formação social. Surgem os *pontos de vista* que servem de anteparo entre o homem e as coisas ou os outros homens. A *ideologia*, que é uma percepção historicamente determinada da vida, passa a distribuir valores e a esconjurар antivalores, junto à consciência dos grupos sociais (BOSI, 2000, p. 117).

Com a evolução da poesia que ganha outras faces, outros estilos, sem perder a essência poética, os poetas contemporâneos falam de suas realidades, mostrando com o decorrer do tempo que foram também atingidos pelo modelo da sociedade capitalista. Para entender essa “poesia engajada”, o poeta Carlos Drummond de Andrade destaca nitidamente na poesia “Montanha Pulverizada”, onde relata a maneira brusca que o projeto de mineração atingiu sua cidade de Itabira-MG. Drummond criou poesias que pudesse libertar as aflições que sentia. Ele quis repassar para os leitores essa mesma sensação enquanto escrevia, ou seja, queria envolver os leitores a ponto de fazerem os mesmos se questionassem e refletissem com aquele modelo de desenvolvimento que estava chegando em Itabira. O poeta relata minuciosamente os danos causados em sua região quando diz em seus versos:

Chego à sacada e vejo a minha serra
A serra que era do meu pai e meu avó
De todos os Andrades que passaram e passaram
A serra que não passa

Era coisa de índios e tomamos
Para enfrentar e presidir a vida
Neste vale soturno, onde a riqueza maior
É sua vista contemplada.

Essa manhã acordo e não há encontro
Britada em bilhões de lascas
Deslizando em correias transportadoras
O trem monstro de 5 locomotivas¹

Neste trecho de seu poema, Drummond revela o desgaste ambiental, social e cultural sobre o “nada” que se transformou Itabira. A angústia em saber que não iriam restar histórias para contar às próximas gerações que vier, onde o poeta destaca “de todos os Andrades que passaram e passaram, a serra que não passa”.

O poeta vai descrevendo o caos que se tornou sua cidade, com a vinda do “progresso” e o famoso “desenvolvimento”, onde a riqueza foi extraída e sua cidade ficou irreconhecível. Isso fica nítido no verso que diz: “essa manhã acordo e não há encontro” o poeta afirma o desconhecer do local que nasceu e viveu parte de sua vida.

¹ DRUMMOND DE ANDRADE, C. 1973.

Portanto, Drummond faz uma representação marcante de um grupo social precursor que se insere em seu próprio meio. O autor do poema coloca-se como um representante dos descontentes em relação ao contexto do progresso e desenvolvimento de sua cidade com a vinda dos impactos que o setor mineral poderia causar.

Apesar do sentimento e piedade sobre sua terra, Drummond, ainda sim, acredita que suas poesias poderiam ser uma forma de denunciar esses impactos. Além do poeta desabafar suas angústias e medos, ele acreditava que sua realidade naquele momento poderia ser mudada, com sua literatura percorrendo longos caminhos e ganhando visibilidade e autonomia contando sua história e a história de seu povo. Nesse sentido que Bosi (1977) destaca em sua obra:

A lucidez nunca matou a arte. Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e dizer, ela dá à palavra um novo, intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos (BOSI, 2000, p. 147).

A arte de Drummond continua mais viva que nunca por meio de suas obras, com sua clareza em dizer nos seus escritos que esse “desenvolvimento”, vindo de grandes empresas, não seria para sua cidade e população, mas para o próprio sistema do capital. Tentou por várias vezes romper o discurso desses empreendimentos utilizando sua arte, rompendo barreiras quando fazia a escrita poética refletir em outros aspectos que não fosse algo comum. As poesias de Drummond se tornaram gritantes para os ouvidos do leitor, o poeta tentava repassar esse sentimento de busca pela justiça e que perdura até hoje nos seus versos imortalizados.

O engajamento social do poeta entende-se como fazer poético de reflexão, ao mesmo tempo em que denuncia os desastres causados pelo suposto desenvolvimento, não deixa de ser um elemento para politização, utilizando a poesia como fuga para protestar e resistir às barbáries.

A vertente da poesia acaba se estendendo a um olhar mais crítico em meio à sociedade que vivemos. Drummond deixa isso bem claro em seus versos, onde vários poetas populares se espelhavam nesse modelo de escrita, levando para seu cotidiano essa arte, fazendo dela a voz do povo. A escrita acaba se tornando uma arma para que possa romper com a desigualdade desse sistema. Segundo Bosi (2000): “Resistir é subsistir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro”.

Assim, o fazer literário realiza funções de ideologias sociais, resistência, além de despertar nos leitores indagações, questionamentos sobre o modelo de sociedade que vivemos. A literatura chega com propósito de manifestar ações que sejam reflexivas, sobre momentos que os próprios poetas vivem, mas também ultrapassam tempos, deixando seu legado.

Retrato literário da Amazônia

A literatura brasileira abrange a região Amazônica com características próprias do seu povo, atraem olhares de pesquisadores (as) e literários (as). A literatura que brota na Amazônia é portadora de uma expressão de identidade que com o tempo virou uma expressão nacional. Apesar do preconceito, o norte e nordeste guardam grandes riquezas naturais vinda da Amazônia que são contadas por escritores (as) que vivem nessa região, trazendo sempre nas suas produções a real característica desse povo que tem como marco histórico as mazelas, conflitos que sempre ganham destaques nas grandes mídias.

A narrativa na Amazônia resiste e ganha destaque em suas literaturas, danças, comidas típicas e na literatura com alguns escritores Dalcídio Jurandir, nascido na Ilha de Marajó - Pará, suas

principais obras são Chove nos Campos de Cachoeira (1941), Marajó (1947), Três Casas e um Rio (1958). Outro ícone da literatura regional é Thiago de Mello, natural de Amazonas, que tem como principais poemas Estatuto do Homem, Faz Mormaço na Floresta, Faz Escuro Mas Eu Canto, entre outros. Esses dois escritores tinham algo em comum em retrata nos seus escritores a poesia regionalista e tantos outros do Pará, Maranhão e em toda a região Amazônica.

O amadurecimento dos poetas permitiu que mergulhassem as suas raízes com sensibilidade junto com a consciência crítica na rica coragem de um povo, que apesar de serem explorado e ter o sofrimento nítido em seus rostos, carregavam a humildade e generosidade nas suas vidas, as poesias desses grandes poetas obtiveram densidade e centralização, que fizeram de Dalcídio Jurandir e Thiago de Mello comprometido a serviço das causas populares.

Os dois poetas serviram e servem até hoje de inspiração para outros (as) escritores das causas populares, especificamente da região amazônica, que também retrata a dura e sensível vida, onde essa natureza serve de cenário poético, para escritores que se inspiram não só “contando” em suas poesias as belezas naturais dessa região, mas dando visibilidade a uma população que vive entorno de conflitos ao longo de sua história.

A Amazônia tem originado sucessivamente exportação de seus recursos naturais; tem sido um lugar de exploração exorbitante na extração de riquezas favorecendo outras regiões e outros povos. As pessoas que vivem nessa região procuram se construir a cada dia sem cessar, procurando meios de não perderem suas origens/identidades, apesar do desenvolvimento que a cada dia invadem a Amazônia, trazendo uma nova cultura para impor aos ribeirinhos, caboclos, quilombolas, indígenas, mas que resistem para não perderem suas tradições.

Desse modo, os poetas Thiago de Mello e Dalcídio Jurandir destacam nos seus escritos a história dos povos tradicionais da Amazônia. As lutas conquistadas que vem se superando em meio aos desgastes socioambientais sofridos nessa região. Quando se fala nessa literatura da Amazônia, não se pode fugir às referências da identidade de cada povo e seus costumes. Essas produções literárias destacam os seres e os acontecimentos, inspirado pela beleza de suas riquezas naturais, mas que ao mesmo tempo, causa sentimento de revolta que, por sua vez, tentam frear os impactos e conflitos exorbitantes em suas áreas.

Diante desse cenário que a poesia surge como um dever de expor ideologias voltadas a tais conflitos, deixando de lado uma poesia de estilo capitalista e burguês, a literatura ganha uma nova roupagem com caráter de revolta que vai em busca da sua essência perdida, focando a realidade. E com o passar do tempo nasce uma poesia de cultura à resistência que desempenha um papel de resposta aos sinais de modernização. A poesia traz consigo uma força de oposição ao embate aos grandes projetos que não beneficia os povos tradicionais da Amazônia, mas que levam suas riquezas naturais e o povo segue resistindo para não levarem sua cultura e identidade.

CONCLUSÃO

A poesia de Charles Trocate, Diva Lopes e de tantos outros poetas envolvido na luta permanente e insubmissa pela conquista de direitos que foram renegados, vêm ocupando e sendo vozes de tantos outros trabalhadores e trabalhadoras que plantam com urgência suas indignações. Aproximação dos versos à realidade contemporânea é reflexivo na capacidade da superação do ser humano quando resiste às encruzilhadas políticas.

Nesse contexto que o poeta vivo não se cala quando torna consciente que sua poesia é arma e movedor de encantamento e que, por isso, sobrevive ao chamado “desenvolvimento” que não é pra

todos mas com arte, consciência, recriam cotidianos com sentimento. Essa presença da linguagem poética nas duas poesias reforça a ideia de que a literatura é motivo de encantamento como teoria e refúgio, não apenas para o poeta, mas para o próprio leitor quando o mesmo se identifica com esses escritos que denunciam as condições humanas.

Assim, a simbologia do homem e mulher poeta/poetisa, é a prova viva de que a poesia sempre descobrirá um formato de pertencer à rotina do homem comum, e de que a poesia é sempre a palavra que faz refletir quando é levada em diversos espaços. Os poetas chegam com a tentativa de fazer agitar quem lê essas poesias de indignação com profundidade e amor pelo povo. A palavra a respeito do passado, presente ou futuro, a poesia não cabe ao poeta; é o poeta que pode valer-se da linguagem poética e fazer este uso para diferentes terminações e por diferentes meios.

As poesias de Charles e Diva têm essa característica instigante que entrelaçam caminhos reconhecendo as vontades de desestruturar aquilo que foi estabelecido reconstruindo a importância humana do cuidado com as pessoas e a natureza. Assim, as palavras se fazem presentes em diferentes meios e diferem de outros poetas, que permitiam seus gritos apenas no papel. Charles e Diva se apresentam como homem pós-moderno inserido em um conjunto no qual haja mudanças que modificam a percepção indiferente diante da realidade.

O entender dessa literatura é as tantas histórias não contadas, isso se torna tarefa de cada escritor e escritora engajado na luta por melhores condições de vida ao povo, para construir uma sociedade de memória histórica, produzindo respostas às indagações dos enigmas originados pelo capital, que permanecem enraizados, assim como se o mundo já tivesse crescido com eles.

A arte de combater às tentativas da destruição dos sonhos de tantas pessoas que almejam dias melhores, trincheiras da inventividade, manifestarem-se entre a rebeldia dos poetas e poetisas filhos/as da terra e da esperança, instalando esta ampla irmandade de companheiros na procura da dignidade invadida. Com essa poesia os escritores (as) se misturam no anseio da terra onde homens com linguagem da expectativa que apontam o horizonte e mostram que longe fica perto quando se caminha adiante em coletividade.

O poético das causas populares se vê na luta pela terra quando o sujeito exige aos grandes governantes uma qualidade básica de vida, trazendo dignidade para a população, com o suprimento de suas necessidades básicas. Portanto, a poesia e a política cultural dos movimentos populares especificamente do MST, revelam uma subjetividade habitual, assim entrelaçando narrativas imaginárias claramente apontadas: campesinato, efetiva como o registro de autenticidade cultural, agrupando uma visão campestre e interminável de harmonia entre as pessoas e natureza. Desta forma, a escrita engajada é insistência do campesinato que usa da literatura nas próprias atividades, cursos como formação política para crianças, jovens, adultos e idosos.

Portanto, Charles e Diva aprenderam a manejar seus poemas não para se consagrarem na literatura, mas para desconstruir o insatisfatório e que imposto para população. Isso é evidente nas suas poesias “Porque estão calados?” e “Concentração de direitos”, percebe-se através desses versos que o poeta e a poetisa percorreram caminhos que inovaram suas palavras. Essas poesias se divergem da primeira à última estrofe, mas sempre com sensibilidade e irreverência poética a qual os dois apresentam total domínio, porque fazem parte dessa construção do novo traçando a revolução através da cultura.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, Horácio, Longino. **A Poética Clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Companhia das letras 2000.
- BRITO, Rogerio Soares. **Revista Anagrama: Identidade Nacional Através da Literatura**. Paulo Ano 4 - Edição 4 – Junho-Agosto de 2011.
- CANDIDO Antônio. **Romantismo no Brasil**. São Paulo - Universidade de São Paulo. 2002.
- _____. **Literatura e sociedade Ouro sobre Azul**. Rio de Janeiro, 2006
- CARTER Miguel. **Combatendo a desigualdade social O MST e a reforma agrária no Brasil**. editora Unesp 2010.
- CHOCIAIY, Rogério. **Teoria do Verso**. São Paulo 1974.
- COELHO, Tádzio Peters. **Projeto Grande Carajás: trinta anos de desenvolvimento frustrado**. In: ZONTA, Márcio; TROCATE, Charles (Org). v 1. Marabá: Iguana Editorial, 2015.
- DRUMMOND DE ANDRADE, C. **Boitempo II**. Rio de Janeiro: Record, 1973.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. Movimentos sociais e ONGs no Brasil na era da globalização**. Ed. 8. São Paulo: Loyola. 2010.
- GREENPEACE. Fascínio e destruição. Disponível em <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/O-que-fazemos/Amazonia/>. Acesso em: 03 Abril. 2016.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção. Tradução Ricardo cruz**. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.
- LEÃO, Alisson. **Amazônia: literatura e Cultura**. Ed. UEM, Amazonas 2012
- LOPES, Diva. **Um instante de transgressão**. Maranhão: Imperatriz. Editora Àtica, 2011, 58p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições. 2005. 189 p.
- MASSAUD, **A análise literária** Ed: São Paulo: Pensamento. 2011.
- MST, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. **O tempo de criar do artista militante é o tempo do combate**. Entrevista com o poeta Charles Trocate. Disponível em <http://antigo.mst.org.br/node/16289>. Acesso em: 04. Abril. 2016.
- NETO, Raimundo Gomes da Cruz. PINASSA, Maria Orlanda. A mineração e a lógica da produção destrutiva na Amazônia. IN: TROCATE, Charles. ZANON, Maria Júlia (Orgs). Elementos constitutivos do MAM – Movimento pel Soberania Popular na Miração. Pará: Marabá. Editorial iGuana., 2015, 192p.
- NETO, Raimundo Gomes Cruz. Et all **Reflexão Amazônica**. Marabá: Iguana Editorial, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura?** Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.
- TROCATE, Charles. **Bernando: Meus poemas de combate**. São Paulo. Expressão Popular, 207, 112p.